

# Novas perspectivas da comunicação nas redes digitais

Júlio Afonso Sá de Pinho Neto\*

## Resumo

Alguns autores e até mesmo a mídia têm defendido a possibilidade de uma comunicação transversal e interativa via redes de informática. A estrutura hipertextual dessas “infovias” permitiria uma descentralização da via clássica do fluxo de informações - emissor/receptor. Contrariando essa “autonomia” tecnológica, optamos por um caminho que não procede a uma disjunção entre tecnologia e sociedade, mas antes admite agenciamentos múltiplos entre diferentes domínios.

Palavras-chave: novas tecnologias de comunicação; infovias; redes informacionais; sociabilidade.

## 1 A relação homem-técnica

A sociedade tecnológica contemporânea vê soçobrar todas as grandes metanarrativas que sustentavam os princípios do humanismo. As grandes explicações universais sobre a vida e a humanidade - Deus, Ser, Razão, Revolução ou o Progresso - não conseguem mais impor-se como grandes verdades universais. Um ressentimento, uma sensação de perda parece querer instaurar-se na cena humana. A condição pós-moderna muitas vezes é traduzida como estado de desencanto capaz de fazer toda a sociedade sucumbir num relativismo generalizado em que desapareceriam as fronteiras e os territórios, mesclariam-se os domínios - toda solidez fluiria no ar. Todas as diferenças, todas as particularidades e estruturas estariam, sob essa leitura, ameaçadas de soçobrar num mar de caos, de indiferenciação generalizada.

---

\* Relações Públicas, mestre em Ciência da Comunicação, professor da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da UFG e doutorando pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: [jpncto@zaz.com.br](mailto:jpncto@zaz.com.br).

A ameaça que paira sobre a humanidade, nessa visão catastrofista, é muito ampla. A tecnologia é vista como responsável por um longo processo de homogeneização das consciências em que teríamos o homem unidimensional. Como se não bastasse, proclama-se hoje que o real não mais existe, uma vez que os simulacros engendrados pelas novas tecnologias da comunicação são acusados de fabricar um mundo telereal onde imperam imagens e fatos destituídos de qualquer referência, pura construção midiática do mundo. É o homem que teme a iminência do advento do terrível mundo das máquinas onde os circuitos, os *chips* e os inúmeros *gadgets* eletrônicos eliminariam o essencialmente humano. Tamanha profusão de próteses e de intervenção tecnológica na natureza nos transformaria em híbridos homens-máquinas. Até o suceder da história agora obedeceria à pauta dos mídias. Estes últimos, por sua vez, seriam controlados por princípios meramente utilitários e performáticos e regulados através de práticas e planejamentos perversos.

Dentro desse panorama onde houve um hipotético assassinato do mundo real, o que nos resta fazer? A tecnologia fugiu do nosso domínio e não controlamos mais o que produzimos. Desaparecendo o senhorio do criador em relação à criatura caímos na tão anunciada sociedade frankstein<sup>1</sup>. No centro de toda essa visão pessimista está em causa a supressão do ser do homem em decorrência do descontrole do processo de desenvolvimento tecnológico desencadeado para funcionar como panacéia para todos os males que nos afligem. Surgem, então, alternativas as mais bizarras possíveis. O "Manifesto" do Unabomber sinaliza uma corrente que propõe o retorno às técnicas primitivas de sobrevivência como forma de garantir um futuro para a humanidade. Nesta utopia percebe-se o recrudescimento de toda uma tendência revivalista que também está presente na efervescência, tão atual, dos fundamentalismos de todo tipo. Corrida rumo à segurança das terras e crenças natais onde supostamente existiria o amparo identitário da ancestralidade e o conforto do prêmio do paraíso após a morte.

A recusa dos modelos de subjetividade secretados pela indústria cultural vai dar lugar a outros modelos que igualmente negam a singularidade e a autogestão dos indivíduos. Isso quando

não nos deparamos com a própria anexação desses ritmos, práticas e valores ditos tradicionais pelo mercado de consumo. Basta percebermos “identidades” e “estilos” sendo comercializados pela publicidade a toda hora, transformando a vida num grande, espetacular e variado parque temático.

Contudo, é importante frisar que os acontecimentos não se encontram em greve, que nem tudo é construído pela mídia. Fora dela o real sempre se faz presente e ainda que haja todo um projeto de modelização das subjetividades, uma tentativa de controle das consciências, também é verdade que sempre há brechas onde é possível potencializar as interferências e transgressões possíveis a partir das intervenções dos atores sociais. Assim não há por que temer a técnica ou uma supressão do genuinamente humano. A saída encontra-se não nos purismos em voga, mas nas combinações criativas, capazes de produzir bricolagens únicas, singulares, transgressoras.

As estratégias de situação remetem para um estado processual da existência. Saber investir quando a ocasião se configura propícia; possuir a maleabilidade para recusar a identificação dos rótulos e das serializações. Estado processual onde é possível fugir das anexações habilmente empreendidas pelo capitalismo.

Até mesmo as novas concepções da ciência denunciam os esquemas propostos pelos pensamentos totalizantes nas tentativas de submeter o homem e a natureza a um funcionamento linear. Temos, por exemplo, a questão da ciência frente ao acaso. Aceitar o acaso e não negá-lo faz parte, hoje, do redirecionamento da ciência. É inútil querer subjugar o acaso a um processo racional. O determinismo da ciência clássica não mais se sustenta em nossa época; os cientistas traçam esforços no sentido de tentar controlar o acaso e até mesmo a natureza é concebida como um jogo de dados, em nada linear. O determinismo científico chegou ao fim graças à mecânica quântica. Esta entende a natureza através de uma observação probabilística, estatística. Prever a evolução integral dos sistemas foi visto como impossível. O princípio de incerteza da mecânica quântica não conduz à imprecisão ou ao caos, ao contrário, acrescenta precisões onde a ciência clássica seria imprecisa no seu afã de tudo prever e determinar, excluindo as múltiplas probabilidades

de interferências e transformações presentes em todos os processos.

Um bom exemplo dessas novas concepções na área da ciência é a noção de autopoiese, formulada por Francisco Varela<sup>2</sup> em seus estudos sobre a autonomia dos sistemas biológicos, onde a interioridade, e não mais a exterioridade, de um organismo biológico é que vai ser o ponto de referência fundamental na sua constituição enquanto ser vivo. Cada célula se auto-engendra. Os desvios que acontecem não são evitados, antes exigem um auto-engendramento constante - a interioridade, e não mais a exterioridade, é que vai definir a dinâmica celular. Tal noção foi irradiada por Félix Guattari<sup>3</sup> para a direção do social onde o termo é aplicado no sentido de autonomia, de autogestão constante. Sugere uma subjetividade que se dá de forma autônoma, singular, livre de toda e qualquer estrutura organizadora dos grandes conjuntos discursivos.

Esses exemplos, transpostos para os aspectos social e tecnológico, em nossa contemporaneidade, nos dão a possibilidade de fugir do ressentimento e das previsões catastrofistas. O devir, o fluxo, os agenciamentos singulares afirmam a vida; abrem possibilidades para que possamos desejar o desejo<sup>4</sup>.

Agenciamentos singulares que escapam à usinagem das subjetividades são vistos como saída para que possamos construir nossa própria subjetividade, para que tenhamos o direito à autogestão, para que fuçamos dos modelos propostos pelos mídia. Trata-se de reinventar a vida a partir das dissidências, dos processos de singularização. Estes últimos são processos que rompem com os modelos de subjetividade construídos pelos sistemas totalizantes onde os homens são compelidos a se organizarem segundo modelos de valoração universal<sup>5</sup>. A singularidade devolve o aspecto processual da existência em contraposição à gestão reativa e conservadora do mundo. Viabiliza-se, assim, toda uma existência criativa que vai investir em práticas inovadoras, experiências alternativas, rompendo com os modelos de subjetividade dispostos pelo capitalismo.

A tecnologia, conjugada a um processo de ressingularização da existência, pode ser vista como um elemento potencializador de outras formas de produção, gestão e utilização dos objetos

técnicos - estes vistos como viabilizadores de novas práticas democráticas, novas formas de sociabilidade em que seja possível o contato com o outro, com a diferença, abrindo a existência humana para além das práticas instituídas que apostam da reverberação do mesmo, no nada de velocidade<sup>6</sup>.

Entendendo a subjetividade como um complexo formado a partir de agenciamentos diversos entre homens, natureza, artefatos, religião, política, centros urbanos, não há por que essencializar a técnica, construindo uma divisão entre natureza e cultura. Os objetos técnicos nos interpelam, são elementos constitutivos de nossa subjetividade, uma subjetividade não mais concebida como restrita às relações interpessoais. Longe das leituras otimistas, que vêem na técnica uma ameaça de perda do essencialmente humano, ou das promessas dos entusiastas do novo mundo *hi tech*, seduzidos pelas incalculáveis possibilidades das máquinas eletrônicas, encontra-se o posicionamento de Simondon<sup>7</sup>. Para ele, o objeto técnico faz parte de um conjunto de interações entre elementos de áreas diferenciadas. Homem e técnica interrelacionam-se numa seqüência de influências e redefinições, não havendo espaços para prognósticos, previsões.

A relação do homem com a técnica é que vai definir seus projetos e usos. Será o tom dessa interação que eventualmente exigirá readaptações do homem caso a técnica configure-se como algo fora de controle. Caso haja ameaça tecnológica, esta pressupõe, antes de tudo, que o homem é que está “fora de lugar”, exigindo ações que objetivem um reordenamento dessa relação. Segundo Simondon, os objetos técnicos que mais provocam alienação são justamente aqueles que estão destinados a usuários ignorantes<sup>8</sup>.

Bruno Latour<sup>9</sup> segue raciocínio semelhante quando propõe existir uma hibridização entre economia, ciência, religião, técnica, direito, política. A separação entre natureza e cultura é atribuída à tentativa dos modernos de “purificar”, erradicar as misturas propondo formas puras. Adverte que é nas trocas entre heterogêneos que somos “definidos”, constantemente recombinações, reinterpretados. Ao revalidar a noção de hibridização, Latour propõe que o desencanto, a manipulação ou a perda - apontados como resultado do desenvolvimento tecnológico - passam a ser

inaceitáveis, já que não há espaço para essências e sim bricolagens, redes, contágios, misturas. Tudo se dá dessa forma num híbrido.

Estando de acordo que a cultura é geradora de um certo tipo de tecnologia, esta última, no entanto, também a redireciona (não determina), mas atua igualmente como elemento condicionador. Privilegia a abertura de determinados campos de possíveis a serem trabalhados pelos usos, interpretações e coalizações proporcionados pelos atores sociais. Um círculo de trocas se estabelece em mútua relação, sem lugar para definições estanques seguidas da fixidez de limites homogeneizantes e de relações causa-efeito. Não somos puramente humanos. Este é o raciocínio desenvolvido por Ilya Prigogine e Isabelle Stengers<sup>10</sup> ao reconhecerem uma natureza destituída dessas divisões entre o natural e o artificial, homem e técnica. Essas exclusões faziam parte do objetivo da ciência clássica ao tentar extrair as instabilidades, transversalidades, da natureza para transformá-la em linear. É necessário, afirma Stengers, restituir a complexidade, o acaso à natureza para compreender suas diferentes bifurcações, seus desequilíbrios, suas “estruturas dissipativas”, suas alianças em torno de uma coletividade não puramente humana mas composta num interagir de diferentes domínios.

A tecnologia não pode, desta forma, representar uma ameaça à essência do ser, do fundamentalmente humano. Se há um desenvolvimento tecnológico que caminha no sentido de empobrecimento das relações sociais ou com o objetivo puramente mercantilista do lucro pelo lucro, há a necessidade, então, de trabalharmos por uma tecnodemocracia. As técnicas “resultam de longas cadeias intercruzadas de interpretações e requerem, elas mesmas, que sejam interpretadas, conduzidas para novos devires de subjetividade em atos dos grupos ou indivíduos que com elas interagem”<sup>11</sup>. O projeto tecnológico reverbera determinado perfil político e o objeto técnico vai abrir possibilidades, potencializar escolhas, viabilizar apostas, a partir de sua presença na sociedade como materialidade que nos circunda, que nos interpela, que também atua como elemento constituinte de nossa subjetividade.

E não basta apenas alegar que o uso define uma tecnologia, quando os próprios projetos que direcionam o desenvolvimento

tecnológico já trazem em si esse comprometimento com o social e cultural. Não podemos entender tecnologia como um deus *ex machina* a atuar de um exterior à sociedade e a ela impor perdas ou revoluções, tão a gosto de certas leituras heideggerianas. Tecnologia não pode ser desencadeadora de revoluções - e não é difícil, senão costumeiro, ouvir falar em revolução da informática. Quantos não surgem na mídia a proclamar e a enaltecer a “nova ágora virtual” ou o advento da democracia a partir das novas conquistas tecnológicas como a Internet?

Nessa visão unilateral, catastrofista, que entende a tecnologia como autônoma, percebe-se a existência de um sentimento de perda, ameaça, em que o desenvolvimento das novas tecnologias seria responsável por um assassinato do mundo real<sup>12</sup>, e, pior ainda, estaria fora do alcance de qualquer intervenção humana. Nessa hipotética crise do sentido, o que estaria em jogo seria a perda das referências, das raízes, dos fundamentos de “realidade” - cenarização do mundo, invasão de simulacros onde tudo se tornaria imagerie, sem nenhum referente; nada nos remeteria mais a um “real original”.

No entanto a solução não reside em refrear a tecnologia para devolvê-la ao domínio dos homens, mas em viabilizar outro tipo de relação homem-técnica. Esta interação é que vai delinear as saídas para o impasse em que vivemos frente ao grande desenvolvimento das novas tecnologias. Segundo Guattari, a criação de novos universos de referência - frutos de processos de singularização - poderá viabilizar usos alternativos e novas experimentações sociais desses novos domínios tecnológicos, fazendo-nos sair do atual período opressivo e embrutecedor rumo a uma era pós-mídia<sup>13</sup>, fruto de todo um esforço de reapropriação dos meios de comunicação de massa (interatividade, relação autêntica com o outro, contato com as alteridades, autogestão subjetiva), capazes de viabilizar uma velocidade intensiva<sup>14</sup> em busca de uma ressingularização da existência.

## 2 A utopia do retorno às territorialidades primitivas

Essa tão propalada ameaça tecnológica tenta justificar-se através de questões relacionadas às novas formas de apreensão do

tempo e do espaço em nossa contemporaneidade – proporcionadas pela existência de máquinas capazes de produzir novos vetores de velocidade tecnológica.

O horror do desencanto do mundo, da perda do genuíno, do original, das raízes hoje é fartamente difundido até mesmo nos meios de comunicação. Um exemplo emblemático é a canção *Parabolicamará*, de Gilberto Gil, onde há uma exposição clara dessa questão da indiferenciação cultural e geográfica produzida pelas novas tecnologias: “antes mundo era pequeno porque terra era grande, quando muito ali defronte o horizonte acabava, hoje mundo é muito grande porque terra é pequena, do tamanho da antena parabolicamará”. Nessa interpretação, o horizonte, limite espacial das sociedades tradicionais, desaparece para trazer, em tempo real (o tempo da transmissão instantânea), acontecimentos do mundo inteiro (ainda que tele-acontecimentos pertencentes a um real construído pela mídia, ou telereal), da grande vastidão do mundo. E por isso o mundo passa a ser tão grande, quando o horizonte se desfaz no horizonte do *écran* televisivo<sup>15</sup>.

Deparamos aí com uma nostalgia, um desejo de resgatar esse “horizonte perdido”. Desejo daquele tempo em que ainda “longe era distante, perto só quando dava” (novamente da música de Gilberto Gil). Segundo a canção, hoje longe não é mais distante, o longe tornou-se muito próximo pois a rapidez tecnológica reduz, apaga as distâncias, fazendo-nos viver na proximidade quase absoluta. Próximo de tantas outras culturas, de tantas outras formas de ver o mundo, próximos de tanto consumo, de tantas diferentes imagens, de tantas identificações e nenhuma identidade. E nossos valores “genuínos”, nossa cultura, nossos “fundamentos”, nossas “raízes”? Novamente a sensação é de fluidez, pois nossas tradições se desmancham no ar – dissolvidas que são nesse estado de proximidade absoluta. Em que pese essa ilusória tentativa de retorno completo às tradições, na medida em que nenhuma sociedade, primitiva ou complexa, é isenta de trocas, de misturas diferentes conteúdos culturais influenciavam-se reciprocamente através de combinações alógenas<sup>16</sup>.

E o perigo maior reside no fato de que essa busca por conteúdos culturais ditos genuínos e por “âncoras identitárias” pas-



sam a ser motivo de uma grande ofensiva mercadológica. Prova disso é a presença de uma tendência revivalista por toda a parte. Passado e tradição são espetacularizados e vendidos como mercadoria - grupos de história viva, na Europa, recriam a vida cotidiana do século XIX ou da Roma Antiga; cinema e televisão são invadidos por filmes de época; bares, feiras e parques temáticos reedificam ambientes e estilos de vida tradicionais e históricos - o vaqueiro, o pantaneiro, o gaúcho ou o cangaceiro agora são submetidos a um tratamento *fashion*; são vendidos como estilo, mercadorias oferecidas para pretensamente satisfazer essa demanda por autenticidade, identidade, originalidade, singularidade.

Ora, se essa comutatividade extrema surge, hoje, à primeira vista, como resultado da difusão de novas tecnologias que proporcionam grande velocidade na troca de informações e nos deslocamentos físicos, restaria, então, a pergunta: seria a tecnologia única responsável por essa supressão das distâncias, pela redução quase total do espaço do trajeto, por essa proximidade exacerbada? Ou apenas responderia a demandas anteriores a ela (demandas sociais, políticas, econômicas delineadas a partir da dinâmica social)? Marshall Berman<sup>17</sup> aponta o esforço da economia burguesa em revolucionar constantemente os meios de produção como um valor contrário à estabilidade: "Ininterrupta perturbação, interminável incerteza e agitação (...) são transformadas em lucrativas oportunidades para o redesenvolvimento e renovação; a desintegração trabalha como força mobilizadora"<sup>18</sup>.

Conforme esses valores, estabilidade, imobilidade e sedentariedade acabam por significar retrocesso, entropia, fracasso e anacronismo. Não queremos com essa citação assumir nenhum ranço de determinismo econômico, apenas frisar que realidades anteriores à tecnologia acabam por imprimir-lhe um caráter, um perfil. Esquece-se que os domínios científico e tecnológico não devem passar ao largo de discussões éticas e políticas (esses aspectos começam a vir à tona atualmente devido aos surpreendentes avanços nos campos da engenharia genética e da biotecnologia).

Contudo, a solução para esse panorama sombrio e ameaçador, pretensamente provocado por um turbilhão de trocas, contigüi-

dade entre todos os domínios, promiscuidade cultural, nunca poderia se encontrar numa ilusória opção pelo regresso ao tradicional e genuíno.

Como já vimos, muitas leituras tentam explicar esse quadro a partir da velocidade proporcionada pelas novas tecnologias. Paul Virilio<sup>19</sup> observa que na época das transmissões *on line*, ou em tempo real, vivemos um problema relacionado à perda do espaço. E a principal implicação dessa supressão da geografia em favor do tempo diz respeito à democracia. Quando a duração encontra-se ameaçada pela instantaneidade, o debate político é comprometido, pois a democracia requer tempo, tempo da consulta, da discussão, da reflexão, da ponderação para o consenso, para a vontade geral. A solução então reside na politização da velocidade tecnológica onde o que está em jogo é a relação do homem com a tecnologia, substancializada através de determinadas apostas, omissões, jogos de poder, interesses econômicos, políticos etc. Novas maneiras de gerir essa interação vão tornar possíveis desdobramentos da técnica em direção a outros fins e objetivos que contemplem a promoção social, a sociabilidade (contrariando a perspectiva de inércia polar), sendo possível vislumbrar aquela era pós-mídia de que nos fala Guattari.

Basta vermos a grande tendência de psicologizar a opinião pública<sup>20</sup> através de meras sondagens de comportamentos e atitudes ou de enquêtes plebiscitárias do tipo sim/não para percebermos que o lugar do político, da discussão, do debate perde espaço para as *performances* utilitárias e instantâneas. A especulação estatística das pesquisas rouba o lugar do fórum político reforçando o privado, ou melhor, o conformismo narcísico. Afinal, “você decide”. Descrente da política institucionalizada, o cidadão hoje vai em busca de soluções privadas para os diversos problemas que enfrenta. Abandona as discussões coletivas referentes às questões de violência e segurança nas grandes cidades a favor da construção de condomínios de segurança máxima, priorizando o desenvolvimento de toda uma série de artefatos técnicos aplicáveis a esses *bunkers* habitacionais. Os exemplos poderiam ser vários, como a crescente indústria do cibersexo onde o outro é submetido a inúmeros filtros narcísicos resultando em contatos alucinatórios com o outro.

Torna-se claro que a tecnologia responde a essas prerrogativas anteriores a ela; é antes causa que efeito. É preciso, sim, devolver a tecnologia ao domínio dos homens, não porque ela atue a partir de uma esfera exterior à sociedade, mas justamente por ser erroneamente considerada assim, excluiram-se o debate e a discussão referentes ao desenvolvimento tecnológico (com seus inúmeros aspectos éticos e políticos aí envolvidos).

### 3 O excesso de informação e o nada de comunicação

A Internet, a rede das redes, é freqüentemente anunciada como a porta para uma democratização da comunicação. Rede sem centro, sem controle, onde o clássico esquema do processo da comunicação emissor/receptor cede lugar a uma comunicação interativa do tipo todos/todos. Desse modo o receptor passa a atuar também na função de emissor e vice-versa. Não mais uma comunicação vertical mas horizontal. Cada usuário da rede pode contribuir com sua intervenção pessoal, interagindo na construção de um grande hipertexto.

A partir dessas afirmações apressadas, resta-nos tentar responder a algumas indagações cruciais sobre o funcionamento dessas infovias, considerando as transformações sociais que seu uso pode ser capaz de desencadear. As redes de informática, resultado mais expressivo das novas tecnologias de comunicação, remeteriam os homens a novas formas de sociabilidade? Ou proporcionariam o isolamento, a privatização, a vida em casulos, onde haveria a conjuração do outro, da diferença? Seria esse um espaço de recrudescimento da seletividade no convívio social, obstando todas as formas de contágio? Interatividade, ausência de controle ou homogeneização e modelização subjetiva? Mais um mecanismo conformador e alienador ou um novo potencial técnico a serviço de uma comunicação transversal e democrática? Agente colaborador do processo de espetacularização da sociedade ou *locus* de novas formas de atuação política?

As novas tecnologias, em determinadas leituras apressadas, são apresentadas como uma dádiva. Segundo Nelson Hoinéff<sup>1</sup>, a utilização da TV por assinatura seria capaz de nos proporcionar o que tantos anos de militância política não foram capazes de reali-

zar no aspecto da democratização dos meios de comunicação. Consolida-se, assim, o mito da emancipação do homem agora vinculado às novas tecnologias (onde a Internet é o exemplo mais pujante).

Algumas críticas, ainda que isoladas, surgem nesse debate: a dificuldade de acesso geral e democrático a essas tecnologias, facilmente questionada se imaginarmos uma popularização crescente dos recursos tecnológicos daqui a poucos anos e mesmo crescente nestes anos que correm (verbas para informatização em massa de escolas, barateamento dos equipamentos, reaproveitamento de material obsoleto mas ainda utilizável etc); o domínio da língua inglesa para o acesso irrestrito a todos os rincões da rede, também minimizado pelo crescente número de serviços em outras línguas proporcionados por BBS locais e regionais e *softwares* tradutores cada vez mais aperfeiçoados e completos (este limite passa a ser tímido se analisarmos os novos e surpreendentes avanços nessa área como os novos recursos de tradução simultânea).

No entanto, um sério problema reside na forma como a Internet é genericamente utilizada. Acesso de informações jamais visto. Obras de arte de diferentes museus, trabalhos científicos presentes em diferentes bibliotecas e centros de pesquisa, tudo isto agora acessível no espaço do monitor de um computador pessoal. Uma verdadeira profusão de informações disponíveis em tempo real. Tantas e tão abundantes que começam a surgir inúmeros recursos e serviços com o objetivo de selecioná-las. Aqui surge uma grande e controversa questão.

É necessário compreender o momento em que vivemos para contemplar o ciberespaço com um outro olhar. Já tratamos anteriormente da questão de uma ameaçadora dissolução das fronteiras, dos domínios e da proximidade absoluta, da contigüidade generalizada, que reina na cultura contemporânea. Jean Baudrillard<sup>22</sup> afirma que no excesso de proximidade, da interface generalizada, da absoluta instantaneidade total de todos os processos, o objetivo passa a ser a pura circularidade; o conteúdo deve obedecer ao máximo de transparência, de permutabilidade, situando-se no limite da insignificância. A meta passa a ser a máxima funcionalidade do acesso - utilização ao máximo. É importante lembrar que por mais estratégias que o capitalismo engendre nesse

sentido, por mais que exista um processo de globalização agindo no sentido de anexar as singularidades, sempre alguma coisa escapa; sempre é possível investir em linhas de fuga, isto é, em processos de singularização elaborados através da afirmação de outras sensibilidades, outras percepções - nos desvios de toda espécie.

Na própria tentativa de tudo esquadrihar, de tudo controlar, de tudo submeter à sua axiomática, é onde surgem as brechas - espaços onde o desejo potencializa iniciativas singulares, desviantes e que são capazes de contrariar a ordem hegemônica do capitalismo.

Entretanto, se em tudo há um suplemento possível de ser criado, um tornar-se, uma comunicação entre inesperados onde é possível transversalizar, subverter as modelizações, é também notório que as estratégias do capitalismo que operam através da sedução, da anexação e do controle das subjetividades se fazem cada vez mais de forma indiferenciada e sutil. Deleuze descreve um capitalismo contemporâneo que opera por modulação. Agora plástico, maleável, conformador, recusando o confronto em favor de uma mimese anexatória.

No funcionamento da rede das redes podemos observar mecanismos que corroboram com essas prerrogativas da metaestabilidade capitalística atual. As infovias reverberam o tipo de nossa sociedade contemporânea, "elas exprimem as formas sociais capazes de lhes darem nascimento e utilizá-las"<sup>23</sup>.

No processo de funcionamento da Internet, a crítica, a análise, a reflexão dão lugar à *performance* pura e simples. É o meio e suas potencialidades que fascinam e não os conteúdos das mensagens ou a exigência crítica para melhor assimilá-las. Um certo funcionamento televisivo se instala no ciberespaço das redes. Afinal aí podemos navegar, surfar, sobre muitos *sites* de forma superficial e espetacular. Ou seja, a lógica da vida social transformada em espetáculo alcança também as infovias transformando-as em fonte privilegiada na construção imaginária de uma utópica democracia hi *tech*: "o mundo sem fronteiras", "a informação ao alcance de todos" e finalmente "a aldeia global". Não esqueçamos que vivemos em uma época em que o poder se tornou plástico, operando não mais por coação, mas

através de moldagens flexíveis, em constante readaptação<sup>24</sup>. A sedução é o princípio orientador de todas suas novas estratégias.

Na exasperação de tantas possibilidades, advindas da velocidade, da aceleração dos circuitos, somos paradoxalmente levados à inércia, à reedição do mesmo, já que não há incentivo à reflexão, à articulação do pensamento. Nessa lógica da radiação começamos a nos comportar como mais um circuito condutor de informações, onde não há nenhuma retenção, absorção - antes nos encontramos fascinados pelas possibilidades, pelas diferentes informações que nos surgem e, praticantes do *ciberzapping*, abrimos e fechamos janelas a esmo. Sempre ansiosos em ver tudo, manipular tudo, experimentar tudo, sentir tudo, acabamos por não refletir nada.

Quase destituídos da experiência de perceber, compreender, decifrar, entender, nos tornamos cada vez mais reféns do espetáculo, da fascinação e da sedução que a rapidez dos fluxos e dos circuitos nos proporciona. Uma velocidade tecnológica que nos reduz à inércia. Permanecemos no mesmo lugar, no lugar da receptividade a todos os circuitos que apenas nos perpassam mas não nos movem - nada de velocidade intensiva, ainda que ancorada nessa pressa tecnológica inercial que obsta os verdadeiros deslocamentos. A obsessão pelo pleno acesso a uma grande variedade de informações resulta no seu contrário, cada vez somos menos informados ou obtemos informações direcionadas. O filtro, nesse caso, não resulta da pouca diversidade, mas do excesso, da inflação de informações, com o agravante de serem, agora, informações ancoradas em imagens elaboradas conforme os princípios da estética publicitária.

Não é por acaso que o terrorista Unabomber em sua cruzada contra a atual sociedade tecnológica afirma que para fazer sua mensagem chegar ao público e nele deixar uma lembrança mais duradoura teve que assassinar pessoas. Eis o seu argumento:

Qualquer pessoa com um pouco de dinheiro pode mandar imprimir um texto ou difundi-lo através da Internet (...), mas aquilo que tiver a dizer ver-se-á submerso sob o imenso volume de informações produzidas pelos meios de massa, não podendo por

isso ter qualquer efeito prático... mesmo que esse texto tivesse chegado a muitos leitores, a maioria teria em breve esquecido o que lera, vendo-se logo a seguir inundada pela multidão de informações com que os meios de massa a bombardeiam todos os dias<sup>25</sup>.

Nesse presente perpétuo, em que tudo é dominado hodiernamente pela *performance*, “não critica-se mais, corrige-se os erros”. Pierre Lèvy aborda esse aspecto quando lembra que no saber informatizado a exigência da verdade crítica não mais se sustenta. Em seu lugar surge uma verdade objetiva que atende a determinadas situações de comunicação e a nenhum contexto precedente. Para Lèvy teoria e crítica cedem lugar hoje aos modelos funcionais que são constantemente aperfeiçoados e corrigidos em razão de sua eficácia e utilidade. Segundo esse autor, “a pretensão à verdade diminui”, fazendo com que as mensagens sejam cada vez menos concebidas para durar<sup>26</sup>.

Ancoradas na imagem essas mensagens carregam consigo o princípio da espetacularização. Temos aí, mais uma vez, o poder das imagens através de uma estética publicitária onde imperam a sedução, a oferta de modelos subjetivos diversos. Trata-se de “mercadorias subjetivas” algumas vezes caracterizadas erroneamente como “identidades de grupos”, ou tribos. Diferentes formas de comportamento podem ser vivenciadas da maneira mais mercadológica possível, reforçando a idéia da atual maleabilidade do capitalismo contemporâneo que dispõe, seria e cataloga as “diferentes” maneiras de viver, perfeitamente classificadas e sobrecodificadas. Tenta-se oferecer como mercadoria a sensação e o prazer lúdico de experimentar o *modus vivendi* dos mais variados estilos - *punk, yuppie, clubber, gay, country*. Permanece-se contudo refém dos modelos recuperados pelo capitalismo, refém de subjetividades normatizadas e esquadrinhadas com o objetivo de suprir as demandas de alteridade existentes em uma sociedade imersa num processo de globalização voraz. Outra estratégia que já abordamos é a oferta de retorno aos paraísos identitários “autênticos”, “genuínos”.

Não será, nunca é demais frisar, reafirmando um passado ou uma “identidade” que se produzirá resistências contra a ordem so-

cial vigente. “Viu-se já que o conservadorismo típico dos vetores audiovisuais reutiliza a tradição que eles eliminam em seu caminho”<sup>27</sup>. Essa reutilização possui um perfil eminentemente conservador onde toda potência singularizante, capaz de produzir agenciamentos inéditos que contrariem esses interesses hegemônicos, é destituída de sua força de compor com a alteridade. A autonomia do indivíduo, sua capacidade de autogestão, encontra-se comprometida com forças externas a ele: a política institucional, a economia ou as motivações afetivas, produzidas pela propaganda, que chegam não só a comandar sua estrutura de vida mas a delimitar até seu próprio pensamento.

As alternativas residem no investimento em uma micropolítica<sup>28</sup>, na revolução da vida cotidiana, na introdução de elementos estéticos contestatórios na política, na afirmação do desejo ( aqui entendido como fluxos de energias criativas) e na crítica da fusão do indivíduo na totalidade, contra os programas que tentam estabelecer limites do que nos seria possível fazer e pensar.

Janice Caiafa em seu estudo sobre o movimento *punk* no Rio de Janeiro, na década de 80, consegue exemplificar de forma bastante clara essa alternativa singularizante que se dá através de iniciativas singulares, desencadeadas a partir de composições inéditas com os estrangeirismos, com a diferença, com a alteridade que desembocam na formação de novos territórios existenciais. Subjetividades únicas, singulares, contrárias aos moldes elaborados pelo capitalismo e que não optam pelo regresso ou reafirmação de “autenticidades”, antes apostam nos agenciamentos compósitos, nas bricolagens criativas com grande potencial transgressor. Os *punks*, situados dentro dos limites cronológicos da pesquisa de Janice Caiafa, ao invés de reverberarem o modelo a eles imposto de meninos de subúrbio, desenvolveram toda uma série de estratégias de resistência através do acesso a revistas estrangeiras sobre som, discos e fitas e do uso de vestimentas que transgrediam seu clima geográfico e político.

A esse poder que se exerce por transparência, a contra-ofensiva é escapar à vigilância e aos registros contínuos, à situação de visibilidade. É subtrair-se aos esquemas de sujeição na própria



identidade. (...) O *punk* faz uso do visual num certo momento oportuno, que é a ocasião do atrito, em que aquilo ainda vale pela estranheza<sup>9</sup>.

#### 4 Algumas incursões etnográficas na rede

Alguns meses de acesso a variadas páginas (*sites*), fóruns e salas de conversa (os *chats*) são extremamente reveladores para corroborar com nossas apostas sobre um atual funcionamento televisivo da Internet. Os números impressionam: 150 milhões de páginas visitadas por uma audiência de 50 milhões de usuários. O aproveitamento comercial da rede caminha rapidamente. Este ano a rede das redes movimentou por volta de 8 bilhões de reais em venda de produtos em todo o mundo e a estimativa é que esse número salte para 320 bilhões de reais em 2002<sup>30</sup>. Como projeção vê-se que o “ordenamento” da Internet com o fim específico de aproveitamento comercial e lucrativo encontra-se praticamente assegurado. Haja vista a tecnologia desenvolvida com esta finalidade: *softwares*, *browsers* e um sem-número de recursos, serviços e aparelhos com o objetivo de proporcionar maior segurança no ciberespaço das infovias, não raramente alvo de assaltos piratas de *hackers* e *crakers* que burlam códigos e senhas particulares de acesso a banco de dados de empresas e instituições diversas.

Esse aproveitamento comercial da Internet vem acompanhado de toda uma série de leis e regulamentações que tem despertado acalorados debates mundo afora. Pornografia, invasão de privacidade e direitos autorais são apenas alguns deles. Contudo, gostaríamos de dar especial enfoque ao perfil dos internautas com o qual deparamos em qualquer incursão às salas de bate-papo, grupos de notícias ou fóruns de debates sobre assuntos os mais diversos. Locais onde, à primeira vista, podemos ser tentados a vislumbrar a existência de uma ágora eletrônica - uma praça pública virtual ou uma rua *on line* onde é possível a expressão de muitas vozes. A curiosidade desses “encontros”, dessas “trocas”, desse “contato” nos fez privilegiar essa abordagem.

É sintomático que os *chats* traduzam em si a época e os valores do mundo em que vivemos. Fragmentação, departição,

individualismo. Tudo é construído para o mais completo deleite narcísico. Afinal, o internauta vê-se à frente de múltiplas “escolhas”. Um mecanismo apurado de seletividade o faz definir qual o caminho mais adequado, qual o *site* ou a sala mais afeita a suas preferências e idiosincrasias pessoais. Importa encontrar seu duplo, permanecer em seu estrato social, ir ao encontro de seus pares – percebe-se o horror à diferença, ao contato com a alteridade. Típico da atual doença narcísica da sociedade.

Qual sua “tribo”? Há salas para todas as demandas: por idade (de 20 a 30, de 30 a 40, mais de 30, mais de 20, *teens*, *kids* etc), por região geográfica, por preferência sexual (sodomasoquistas, lésbicas e afins, gays e afins, casados, heterossexuais, bissexuais etc). O assunto a ser discutido? Surgem desde salas com a finalidade de promover a troca de experiências entre *hackers* até estudar Alan Kardec ou Gilles Deleuze. O *site* de um dos maiores provedores de acesso à Internet, no Brasil, mantém um serviço de encontros chamado “Almas Gêmeas”, onde se acha disponível, para qualquer interessado em encontrar seu par ideal, uma lista de nomes acrescidos de informações diversas tais como idade, tipo físico, hábitos, escolaridade, preferências diversas etc. Basta alguém incluir seus dados pessoais a essa lista e aguardar um *E-mail* de sua suposta “alma gêmea”.

Esse mecanismo classificatório, além de reafirmar os valores existentes, reforça as estratégias identitárias engendradas pela subjetividade capitalística. Afinal você “escolhe”, “constrói” sua identidade a partir das ofertas de consumo. Há também toda uma exploração lúdica e espetacular através desses estratagemas eletrônicos. Trata-se da possibilidade de representar, de encarnar diferentes personagens. Entrar nas salas como homem, mulher, jovem ou adulto representa a exasperação dessa oferta de sensações e de experiências virtuais que se instaurou nas redes (tal situação tem correspondente semelhante nos jogos via rede onde a participação se dá através da escolha prévia de personagens). Temos o “sujeito colado”, as “identidades móveis” obedecendo ao princípio do espetáculo: lúdica encarnação de personagens dentro do princípio consumo-prazer.

Os *chats* de namoro ou encontros não desmentem essa tendência. As indagações sobre as características físicas e as práticas sexuais preferidas revelam o princípio do “corpo para o sexo”, onde a avaliação do possível encontro amoroso passa por um valor hedonista capaz de indicar o potencial de prazer. Um prazer tipicamente narcísico, reafirmado pelas inúmeras possibilidades de filtrar o outro e fazê-lo aproximar-se de forma alucinatória e perfeitamente adequado aos nossos desejos..

Corre-se em busca dos modelos de beleza, prazer, simpatia ou amizade que de antemão nos são propostos pelos modelos subjetivos hegemônicos. Acessa-se a rede em busca desses desejos pré-construídos, vamos ao encontro do que a mídia e os imaginários publicitários nos sugeriram. Com o agravante de o outro ser agora totalmente dispensável, excluído de qualquer convívio com o simples clique de um *mouse*. Um contato totalmente asséptico, narcísico, atraente apenas pela intensidade e quantidade de sensações que pode nos proporcionar.

“Desvirtualizar” alguém conhecido nos bate-papos *on line* não é regra geral. O ciberespaço oferece a “segurança” do anonimato, da total ausência de confronto com os interesses individuais e ainda o imediato descarte dos interlocutores indesejáveis. O escudo do anonimato é regra geral. Não esqueçamos que foi convencionalizado o uso de *nicks* (codinomes) como condição essencial para o acesso às salas de conversação. Teme-se ser descoberto pelo outro interlocutor que assume sempre o caráter de uma ameaça em potencial. Algo tão bem adequado a nossa atual “sociedade de risco” onde a convivência social se confronta com a AIDS e com diferentes formas de violência. As relações interpessoais assépticas garantem a “paz” e o conservadorismo familiar. O sexo virtual é realidade entre os internautas.

Não há nenhuma forma de atrito ou confronto com o outro. Nada exige autocrítica, nem revisões de valores, de maneiras de pensar, de viver. Nada nos faz sermos atravessados por intensidades, permanecemos sem nenhum deslocamento subjetivo. Reverberação do mesmo, processo narcísico. Acaba-se procurando e permanecendo sobre si mesmo. Continuando centrados em si, os internautas, pelo menos na sua maioria, não conseguem abrir-se ao outro, deixar-se contaminar pelo inusitado dos encontros

com as diferenças. Continuam sós, com a sensação narcísica de estarem convivendo socialmente. Eles vão em busca de si mesmos. Restam no “diálogo” consigo próprio. No “mundo de fora” acabam mais isolados, incomunicáveis, inaptos para a convivência e inseguros, por estarem destituídos dos mecanismos de seleção e controle eletrônico das relações interpessoais (?) típicas do ciberespaço.

A sensação é curiosa. Percebemos a existência de uma “solidão sem solidão”. Nos *chats* temos ilusoriamente a sensação de que não estamos sós, que nos expomos como em praça pública. No entanto, permanecemos presos à cadeia de ferro dos modelos definidos e ofertados pela indústria cultural. Cada vez mais recuamos, cada vez mais abandonamos o espaço possível para a autogestão, para as singularidades. Sensação ilusória de troca através do consumo de uma “sociabilidade” programada e estandardizada. Ciclo tautológico: quanto mais desejosos de construir nossa própria subjetividade, mais permanecemos sujeitos a consumir os artificios construídos para, dissimuladamente, suprir essa demanda por liberdade de pensamento, de autogestão. Liberdade de construir a própria vida.

Confirmamos, assim, a presença de mais um dos múltiplos sintomas da doença narcísica da sociedade que agora encontra meios extraordinários de expandir-se via novas tecnologias de comunicação.

No narcisismo coletivo os indivíduos reúnem-se porque são semelhantes, porque se encontram diretamente sensibilizados pelos mesmos objetivos existenciais. O narcisismo não se caracteriza apenas pela auto-absorção hedonista, mas também pela necessidade de grupos de seres ‘idênticos’<sup>31</sup>.

O que existe hoje nas redes é muito mais uma grande curiosidade no meio de um universo gigantesco de informações. A prática dos cibernautas, pelo menos a grande maioria, é literalmente surfar, abordar as superfícies; muito mais ver do que aprofundar-se em conteúdos. Importa mais a sensação do acesso irrestrito a diferentes *sites* do que a busca de informações em torno de um objetivo reflexivo – privilégio de uma minoria detentora de certo capital cultural.

Um determinado mecanismo televisivo se instala na Internet. As ondas do ciberespaço, percorridas pelos internautas, seguem uma ordem de assuntos por demais eclética, desconexa e frenética. Um pouco de Paulo Coelho, *new age*, auto-ajuda, sadomasoquismo, sexo virtual, cultura portuguesa, música de John Cage, literatura russa, história do cristianismo, imagens eróticas, bestialidade e candomblé podem, num mesmo dia, fazer parte do cotidiano da maioria dos usuários da rede das redes. Surge o mais novo escoadouro dissuasório para as iniciativas de participação, expressão e todas atuações sociais e políticas. A Internet corre o risco de desenvolver-se no sentido de transformar-se em um grande *fait-diver*.

A técnica, e não é demais repetir, encontra-se diretamente ligada às formas de organização social, às instituições, aos valores, às representações e às ideologias. A própria humanidade, através de suas formas de gerir as sociedades, é responsável pela destruição do meio ambiente, pelas desigualdades sociais, pelas máquinas de morte que atendem antes de tudo às prerrogativas do lucro em detrimento do desenvolvimento social e autogestão do homem.

Nenhuma solução para os problemas que vivemos pode vir da técnica (das redes digitais, por exemplo). As soluções despontarão a partir do momento em que houver cada vez mais espaços para discutir criação, produção e uso da técnica. Uma tecnodemocracia é necessária para estabelecer escolhas e prioridades no processo de desenvolvimento tecnológico; faz-se imprescindível também para potencializar desvios na tecnologia já instituída, redirecionando-a, adaptando-a para outras causas, outros objetivos que atendam aos anseios de diferentes "grupos sujeitos"<sup>32</sup>.

Devemos desconfiar das máquinas; destituí-las de sua suposta autonomia. Muitas questões vêm antes delas. Uma revolução na educação, por exemplo, não se processa com a instalação de 100 mil computadores em escolas públicas brasileiras. Requer, antes disso, formação, salários dignos e reciclagem constante do corpo docente; requer alunos sem fome com um preparo escolar que contemple educação para a cidadania e melhoria de suas condições de vida.

A garantia dos direitos humanos, os compromissos éticos e a responsabilidade social dos governantes não terminam com o advento do admirável mundo novo das tecnologias informáticas. Pelo contrário, constituem-se mais necessários para imprimir um caráter político a essas tecnologias. Desconfiemos, então, da tão propalada “revolução informática”.

### Abstract

Some authors and even the media have defended the possibility of an interactive and cross communication by way of computer network systems. A hyper-textual structure of these “infovias” (computer information channels) allows a decentralization of the classical flood of information - sender/receiver. Contradicting this technological “autonomy”, we choose a way that doesn’t separate technology with society, but rather admits multiple interventions between different domains.

*Key words:* New technologies in communication; “infovias” (computer information channels); computer networks; sociability.

### Notas

1. Sfez, L. (1994), p. 245.

2. Varela, F. (1989).

3. Guattari, F. (1992), p. 55.

4. Entendemos o desejo não como algo pertencente à ordem do instinto ou pulsão. Concordamos, antes, com Guattari que compreende o desejo como força produtora do novo - novas formas de viver, de criar, de amar, de possuir uma outra percepção de mundo, outros sistemas de valores, outra sociedade. Por isso “ele escapa por todos os lados” e sempre é transgressor. É caótico, desordenador, para compor outras cartografias inusitadas. Não é destrutivo, não se perde na desterritorialização pura e simples mas desterritorializa para que novos territórios surjam (Cf. Guattari, Félix e Rolnik, Sueli. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis, Vozes, 1986, p. 211 e 215).

5. Guattari, F. (1992).

6. Ver nota n.13.

7. Simondon, G. (1969).

8. Coletivo NTC. (1996), p. 273.

9. Latour, B. (1994)

10. Prigogine, I., Stengers, I. (1991).

11. Levy, P. (1993), p. 186.

12. Celestino, H. (1995).
13. Guattari, F. (1992) p. 16
14. Utilizamos a distinção feita por Deleuze e Guattari entre velocidade e movimento. Segundo esses autores a velocidade corresponde a um nível, a uma intensidade qualitativa do movimento, que é extensivo. Não refere-se à quantidade do movimento: "De um corpo que deixamos cair, seja qual for a rapidez, não se poderá propriamente dizer que o mesmo possui velocidade, mas antes uma lentidão infinitamente decrescente segundo a lei da gravidade" (Cf. Deleuze & Guattari, 1980, p. 460).
15. Gil, G. (1997)
16. Caiafa, J. (1992)
17. Berman, M. (1986)
18. Idem.
19. Virilio, P. (1993)
20. Habermas, J. ( 1987), p. 187.
21. Cf. Artigo "No limiar da desmassificação", *Folha de S. Paulo*, cad. 06, p. 3, 5 dez. 1997.
22. Baudrillard, J. ( 1992 ).
23. Deleuze, G. ( 1992), p.223.
24. Idem..
25. Cf. "*Manifesto do Unabomber: O Futuro da Sociedade Industrial*". Lisboa, Fenda, 1997.
26. Cf. Lèvy, P. (1993) p. 119-121.
27. Cf. Caiafa, J. (1992), p. 180.
28. Para Guattari a democracia só se consolida, ainda que possa se expressar no nível das grandes organizações políticas e sociais, só ganha solidez se existir no nível da subjetividade dos indivíduos e dos grupos através de novas atitudes, novas sensibilidades, novas práxis que situam-se no domínio de uma micropolítica com o objetivo de impedir o retorno das velhas estruturas de poder (Cf. Guattari, F., 1992, p. 134).
29. Caiafa, J. (1985), p. 138.
30. Cf. dados apurados pela empresa de consultoria americana Forrester Research publicados na Revista *Veja* n. 42, 22 out. 1997, p. 64.
31. Lipovetsky, G. (1989), p. 15.
32. "Grupos sujeitos" são grupos que têm capacidade de autogerir-se. Desenvolvem uma subjetividade processual e agem transversalmente às estruturas dominantes, criando desvios, linhas de fuga, que subvertem o já estabelecido e instituem o novo. [Cf. Guattari, F. Da produção de subjetividade, p. 179. In: Parente, A. (org). *A imagem máquina: a era das tecnologias do virtual*. Rio, Ed. 34, 1993].

### Referências bibliográficas

BAUDRILLARD, Jean. *A transparência do mal: ensaio sobre fenômenos extremos*. Campinas : Papyrus, 1992.

- BERMAM, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar* : a aventura da modernidade. São Paulo : Companhia das Letras, 1988.
- CAIAFA, Janice. Velocidade e viagem. *Anuário LASP*. Niterói : UFF, v. 1, n. 1, dez 91/dez 92.
- CELESTINO, Helena. O assassinato do mundo real. *O Globo*. Rio de Janeiro, 16 abr. 1995.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro : Ed. 34 Letras, 1992.
- DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Felix. *Mille Plateaux*: capitalismo et schizophrénie. Paris: Ed. de Minuit, 1980.
- GIL, Gilberto. *Todas as letras*. São Paulo : Companhia das Letras, 1997.
- GUATTARI, Felix. *Caosmose* : um novo paradigma estético. Rio de Janeiro: Ed. 34 Letras, 1992.
- GUATTARI, Felix. *Revolução molecular* : pulsações políticas do desejo. São Paulo : Brasiliense, 1981.
- GUATTARI, Felix, ROLNIK, Sueli. *Micropolítica* : cartografias do desejo. Petrópolis : Vozes, 1986.
- HABERMAS, Jürgen. Comunicação, opinião pública e poder. In: COHN, Gabriel. *Comunicação e indústria cultural*. São Paulo : T.A. Queiroz, 1987.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna* : uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo : Loyola, 1994.
- LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos*: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro : Ed. 34 Letras, 1994.
- LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência* : o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro : Ed. 34 Letras, 1993.
- LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio*. Lisboa : Antropos, 1989.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *Pensar-pulsar*: cultura comunicacional, tecnologias, velocidade. São Paulo : NTC, 1996.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *O movimento punk na cidade* : a invasão dos bandos sub. Rio de Janeiro : Zahar, 1985.
- PRIGOGINE, Ilya, STENGERS, Isabelle. *A nova aliança*: metamorfose da ciência. Brasília : Ed. UnB, 1991.
- SFEZ, Lucien. *Crítica da comunicação*. São Paulo : Loyola, 1994.
- SIMONDON, Gilbert. *Du mode d'existence des objets techniques*. Paris: Aubier-Montaigne, 1969.
- VARELA, Francisco. *Autonomie et connaissance* : essai sur le vivant. Paris : Seuil, 1989.
- VIRILIO, Paul. *O espaço crítico*. Rio de Janeiro : Ed. 34 Letras, 1993.